



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Leandro Vilar Oliveira¹
Angela Albuquerque de Oliveira²

Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as *Eddas*, a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos

Nastrond and the Medieval Imagery of Hell:
A Comparative Study between the *Eddas*, Apocalyptic Literature
and Visions of the Worlds of the Dead

Resumo:

O presente estudo propôs examinar as hipóteses apresentadas pelos filólogos Sophus Bugge e Albrecht Dieterich a respeito do mundo dos mortos da mitologia nórdica — Náströnd — e sua possível origem cristã. Este trabalho desenvolveu-se teórico-metodologicamente com base no método comparativo, na diacronia de longa duração e no conceito do imaginário. A pesquisa realizou-se a partir da análise das *Eddas*, da literatura apocalíptica e de visões. Com base nessas fontes, identificamos evidências cristãs nesse mito, de modo a inferir que Náströnd seria o resultado de um processo de resignificação, ao longo do tempo, entre a religião nórdica antiga e o cristianismo, concedendo um novo sentido a este mundo dos mortos.

Palavras-chave:

Näströnd; imaginário do Inferno; mitologia nórdica.

Abstract:

This study aims to examine the hypotheses presented by the scholars Sophus Bugge and Albrecht Dieterich about the underworld in Norse mythology — Nastrond — and its possible Christian origin. This theoretical work was methodologically developed based on the diachronic comparative method in the long-term and on the imagery concept. The research was conducted through the analysis of the *Eddas*, the apocalyptic literature and Visions. Based on those sources, we have identified Christian evidence in this myth. Nastrond would be the result of a process of reframing, over time, between the Old Norse Religion and Christianity, granting a new meaning to this world of the dead.

Keywords:

Nastrond; Hell imagery; Norse mythology.

¹ Doutor em Ciências das Religiões (UFPB), membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). E-mail: vilarleandro@hotmail.com.

² Doutoranda em Ciências da Religião (Unicap), membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). E-mail: gel-oliveira1@hotmail.com.

Introdução

Este artigo teve o propósito de analisar a hipótese de dois escandinavistas e filólogos do século XIX, Sophus Bugge (1833–1907) e Albrecht Dieterich (1866–1908), quanto à possibilidade de que o mundo dos mortos chamado Náströnd — descrito brevemente nas estrofes 38 e 39 do poema *Völuspá* da *Edda Poética* (séc. XIII), e no capítulo 51 do *Gylfaginning* da *Edda em Prosa* (séc. XIII) — possa ter sido inspirado em elementos sobre o imaginário cristão medieval a respeito do Inferno. Nesse ponto, ambos os autores se baseavam na ideia de uma *interpretatio norræna*, a qual defende que poetas pagãos e cristãos teriam se baseado em elementos do cristianismo para reinterpretar os mitos. Sabe-se que ao longo da Idade Média, especialmente entre os séculos X e XIV, popularizaram-se descrições sobre visões do Inferno. Para os dois autores, alguns elementos contidos na descrição de Náströnd seriam reflexos desse imaginário corrente no período, isto é, uma possível resignificação dessas ideias para o contexto pagão.

Para realizar a análise, nos baseamos em alguns comentários de Jens Peter Schjodt acerca de se utilizar o método comparativo nos estudos escandinavos. Ele sugere usar a comparação não somente para perceber semelhanças e diferenças através da analogia, como normalmente era feito, mas também identificar que possíveis características da Religião Nórdica Antiga e da mitologia nórdica compartilhariam de crenças de origem germânica, celta, fino-úgrica, sámi³, eslava e cristã, as quais poderiam auxiliar na compreensão de aspectos culturais e mitológicos. Nesse ponto, Schjodt sublinha que a condição da religião nórdica antiga não ter sido dogmática nem possuir doutrina contribuiu para sua diversidade de crenças. Diante disso, trabalhar com essa religião e mitologia poderia ser feito através de perspectivas sincrônicas ou diacrônicas, prezando em fazer comparações entre os nórdicos e povos vizinhos; delimitando com clareza o período histórico a ser estudado; realizar uma análise intercalando uma microanálise e macroanálise, procurando compreender de forma melhor crenças e mitos, sem cair numa busca por origens, generalizações, universalismo ou conclusões precipitadas (Schjodt, 2017b: 54-61).

Schojdt também destaca que, ao aplicar qualquer método comparativo, o pesquisador deve sempre procurar elucidar a contextualização das fontes e objetos de estudo, situando seu período, local, autoria, materiais, tipologia etc. Fizemos isso nos tópicos 3 e 4 do artigo, apresentando os tipos de literaturas utilizadas, situando-as temporalmente e geograficamente quando possível, além de comentar algumas características básicas sobre elas e o contexto de sua produção. Schodjt diz que, além dessa contextualização das fontes, é importante destacar as motivações socioculturais

³ Sámi é o nome de um conjunto de povos seminômades, conhecidos pelo termo genérico de lapão, os quais habitam a região da Lapônia, no extremo norte da Escandinávia. Os sámi possuem idioma, crenças e cultura diferentes das populações do centro e sul da Escandinávia.

referentes, algo que também fizemos ao decidir trabalhar com o conceito de imaginário, partindo deste para compreender como Náströnd poderia ter tido conexões com referenciais cristãos (cf. Schojdt, 2017a: 26-27).

Sobre o conceito de imaginário, nos reportamos às definições apresentadas pelo historiador Hilário Franco Jr., o qual divide a noção de imaginário a partir de cinco pontos de vista: 1. pertence ao campo da representação, como uma parte dele; 2. os símbolos consistem em uma das linguagens pelas quais o imaginário se expressa (nesse sentido, o simbolismo faz parte do imaginário, servindo de meio para ele ser manifestado, mas não sendo igual a este); 3. ideologias também fazem parte do imaginário; 4. o imaginário expressa ideias concebidas pelos seus autores, mas também consiste em um reflexo dos sistemas de valores, crenças e ideias de uma época, lugar, sociedade, cultura etc.; 5. imaginário é distinto de mentalidade (Franco Jr., 2010: 67-68). O autor sintetiza o quinto ponto da seguinte forma:

Enfim, acreditamos que imaginário não recobre as noções de mentalidade e de representação, complementa-os, articula-se estreitamente com eles. Se mentalidade é o complexo de emoções e pensamento analógico (estruturas arcaicas sempre presentes no cérebro humano), imaginário é a decodificação e a representação cultural (portanto historicamente variáveis) daquele complexo (Franco Jr., 2010: 68).

Posto isso, Franco Jr. assinala que o imaginário consiste num sistema de imagens que proporciona funções construtivas, imaginativas, modeladoras, referenciais e catárticas para uma sociedade e seus membros, sendo esse imaginário alimentado por outros imaginários, transformando-se ao longo do tempo. Com base nesse conceito, percebemos que o estudo aqui realizado se enveredou pelo campo do Imaginário, especificamente o imaginário medieval acerca do mundo dos mortos e do Inferno, pois, como será percebido adiante, houve um conjunto de obras que tiveram em comum a condição de abordarem a mesma temática: apresentar em palavras a descrição do Inferno e seus tormentos.

Através dessa literatura, procedemos nossa análise comparativa num recorte diacrônico de longa duração, apresentando a noção e função sobre Náströnd, situando historicamente as fontes escolhidas, para depois adentrar a análise delas no intuito de averiguar se a hipótese de Bugge e Dieterich faria sentido quanto a dizer que esse mundo dos mortos conteria elementos desse imaginário cristão medieval do Inferno.

Náströnd

A palavra Náströnd significa “costa dos cadáveres” e refere-se tanto a um local geográfico situado longe da luz do sol quanto a um salão ali localizado, cujas portas estão voltadas para o Norte. Esse salão é feito de ossos de serpentes e possui várias aberturas no teto, de onde goteja tanto veneno a ponto de formar um rio de peçonha em seu interior. O salão não é descrito possuindo janelas e não se quantifica quantas portas ele teria. Seu tamanho também não é mencionado. Entretanto, a menção ao dizer que ele ficava longe do sol é tomada por alguns estudiosos como a indicação de que ele estivesse situado no submundo, sendo assim, um local escuro, apesar de nas fontes mitológicas não estar definido com clareza que Náströnd estivesse no subterrâneo (Oliveira, 2017: 186-188).

Em nenhum dos outros mundos dos mortos encontrados na mitologia nórdica, como Valhala, Folkvang, o salão de Rán, a montanha sagrada (*helgafell*) e Hel, é descrito que os mortos padeceriam de tormentos ou males. Mesmo nas descrições de Hel, cujo local emprestou seu nome para originar a palavra inglesa inferno (*hell*), nos relatos contidos nas *Eddas*, sagas e poemas, não há menções a tormentos. As poucas referências a respeito, descrevem-no como um local frio e escuro, governado pela deusa Hel, que vive em seu salão com seus dois serviçais e acolhe as almas dos mortos. Apesar de os missionários cristãos terem associado esse mundo com o Inferno, ambos apresentam diferenças bem nítidas quanto ao seu propósito e descrição (Oliveira, 2017: 192).

Se em Hel e nos demais mundos supracitados não há relatos de tormentos, em Náströnd as narrativas revelam que as almas que seguiam para lá seriam punidas por seus atos em vida. Na estrofe 39 do poema *Völuspá* (Profecia da Advinha), é descrito que os assassinos que foram proscritos, os perjuros e os assediadores de mulheres casadas, quando morressem, iriam para Náströnd. Por sua vez, no *Gylfaginning*, o relato dos crimes punidos muda um pouco ao excluir o crime de assédio às mulheres casadas. Essa diferença talvez se deva por variações dos mitos, os quais eram de origem oral, possuindo mais de uma forma. Apesar dessa pequena diferença entre as duas versões contidas nas *Eddas*, nota-se que o motivo que conduziria as almas para Náströnd tratava-se de uma condição moral: em vida, tais pessoas cometeram um dos três crimes citados, e, por isso, padeceriam em sofrimento após a morte.

Assim, Náströnd tornava-se um local de punição, o que destoava dos demais mundos dos mortos na mitologia nórdica, por não se observar nas fontes e relatos conhecidos esse caráter punitivo. Por que tais crimes seriam passíveis de punição?

Diferentemente do que o senso comum considera, os nórdicos da Era Viking (séc. VIII–XI) não eram um povo bruto e incivilizado, como às vezes é visto nas artes, ou em relatos medievais. Os nórdicos possuíam leis, regras e uma assembleia regular, chamada *thing*, sendo o *thing* islandês o mais conhecido na literatura, por ser citado em algumas sagas e crônicas (Page, 2006: 100). Dessa forma, os nórdicos possuíam um código legal pelo qual estruturavam sua sociedade. Por ter sido transmitido oralmente,

desconhecemos muito ao seu respeito. As leis que foram preservadas datam de relatos posteriores à Era Viking, sendo encontradas em sagas, crônicas e livros de leis. Um desses manuscritos é conhecido pelo nome de *Grágás* (Ganso Cinzento), que teria sido escrito por volta do século XIII, mas remete a leis dos séculos anteriores, especialmente referentes à Islândia, consistindo no mais famoso conjunto legal que se conhece referente ao período viking (Miranda, 2018: 319-320).

Ström salienta que, além dos crimes definidos em lei, como encontrados nos manuscritos, haja indícios também nessas narrativas de que certas práticas comportamentais eram malvistas socialmente, como a bigamia, a poligamia, a homossexualidade e o incesto. A covardia, a mentira, a trapaça e a feitiçaria também eram reprováveis (Ström, 1973: 4-5). Socialmente, os nórdicos desaprovavam o assassinato cometido de forma injusta; isso seria punido através do ato de se tornar proscrito, como ocorreu a Erik, o Vermelho (c. 950 – c. 1003), mas, dependendo da gravidade do crime, o assassino poderia receber pena de morte ou ser jurado de vingança (*hefnd*) (Graham-Campbell, 2006: 220).

A respeito do crime de perjúrio, que consiste em mentir, romper a lealdade, dar falso testemunho, não se sabe exatamente como isso seria punido, mas era considerado algo afrontoso socialmente. Quanto ao crime de adultério, esse poderia levar a um divórcio, mas não se conhece se haveria outras formas de punição para tal ato. Se legalmente os três crimes descritos eram moralmente punidos de alguma forma, o que justificaria que as pessoas que os cometeram estivessem passíveis de ir para Náströnd? Nesse ponto, Sophus Bugge e Albrecht Dieterich defendiam que o referencial cristão tenha sido aplicado.

Bugge, em seu livro *Studier over de nordiske gude-og heltesagns oprindelse* (em tradução livre: Estudos das origens dos deuses e lendas heróicas), comentava que o dragão Nidhogg e as serpentes poderiam fazer alusão a ideias cristãs. Ele citava Isaías 66:24 “Eles sairão para ver os cadáveres dos homens que se rebelaram contra mim, porque o seu verme não morrerá, e o fogo não se apagará: eles serão uma abominação para toda a carne”. A partir dessa citação, Bugge alude ao fato de que, em nórdico antigo, a palavra *orm* era usada tanto para se referir a serpentes quanto a vermes. Nos mitos nórdicos, como citado no poema *Grimnismál* est. 16, é dito que o submundo é infestado de serpentes, mas poderiam ser vermes, como indagava o autor? Além disso, ele explanava que em Náströnd os mortos eram punidos, sendo sugados pelo dragão Nidhogg, algo que pode aludir ao dragão do *Apocalipse de João* que é comparado ao próprio Satanás, personificando a morte que marca a separação final do homem e de Deus, que consiste na morte eterna (Bugge, 1881: 453-454).

Apesar de a mitologia nórdica citar outras histórias com dragões e o próprio Nidhogg ser mencionado em mais de um poema, ele é o único dragão citado que aparece devorando os mortos ou carregando os condenados em suas garras, já que os demais dragões geralmente estão associados com a guarda de tesouros. Para Bugge,

tais elementos tornavam Nidhogg diferente dos outros dragões, tendo recebido funções destoantes do que se lê em outros relatos mitológicos escandinavos. Bugge também citava que, em outras passagens bíblicas, as serpentes e os vermes são mencionados como sinônimo de punição e sofrimento. Assim, ele faz um paralelo com o fato de que em Náströnd temos um local infestado por serpentes, onde alguns mortos estariam em sofrimento (Bugge, 1881: 455).

Por sua vez, Dieterich, em seu livro *Nekyia: Beiträge zur Erklärung der neuentdeckten Petrusapokalypse* (em tradução livre, *Nekyia: contribuições para o recém-descoberto Apocalipse de Pedro*), comentava que os elementos punitivos contidos em Náströnd pudessem ter sido influenciados pela literatura cristã medieval advinda dos apocalipses de Paulo e de Pedro, relatos apócrifos que descrevem alguns dos tormentos pelos quais os pecadores sofreriam no Inferno, o que incluía serpentes e veneno. Esses dois manuscritos citados por Dieterich foram algumas das fontes que usamos em nossa análise (Dieterich, 1893: 196).

Pelos comentários das obras de Bugge e Dieterich, observamos que ambos os autores já sugeriam, no final do século XIX, que possíveis influências cristãs estariam contidas no relato de Náströnd, apesar de naquela época já haver literatos e mitólogos que consideravam uma influência cristã para outras narrativas mitológicas nórdicas também.

A respeito dessa linha de pensamento, John McKinnell apontou que os três crimes punidos em Náströnd possuíam ligação com o *Apocalipse de João*, especificamente o versículo 21:8, o qual menciona alguns tipos de pecadores e pecados que seriam condenados ao lago de fogo e enxofre do Inferno. Entre os pecados citados estão o assassinato, a mentira e a promiscuidade, o que levou o autor a dizer que esses pecados estão presentes em Náströnd por uma questão proposital e não mera coincidência (McKinnell, 2008: 4).

Além disso, McKinnell também lembrou a condição de que Snorri Sturluson era cristão, e o prólogo da *Edda em Prosa* ter um teor evemerista, apesar de haver dúvidas se ele teria escrito tal prólogo ou se foi outro autor que o fez. McKinnell também cita outras passagens bíblicas que fazem referência a esses mesmos pecados, o que revelava que dificilmente seriam condições que passariam despercebidas aos fiéis. Mesmo que eles não lessem, os padres fariam menções a tais pecados. Diante disso, ele considerava que Náströnd teria sim uma carga de influência cristã, pelo menos em alguns aspectos (McKinnell, 2008: 5).

Entretanto, para além dessa possibilidade destacada de que os crimes punidos em Náströnd seriam oriundos de um referencial cristão, alguns estudiosos discordam disso, sugerindo que dentro dos relatos pagãos haveria evidências que embasassem um referencial propriamente pagão. Kess Samplonius sugeriu que os crimes punidos em Náströnd poderiam ser inspirados nos mitos de Loki. O poema *Lokasenna* (Escárnios

de Loki), contido na *Edda Poética*, narra que Loki cometeu assassinato e perjúrio, e teria sido amante de Freyja, Sif e Skadi, as quais eram casadas, o que significa que ele cometeu adultério. Com isso, Samplonius considera que esse mundo dos mortos poderia conter elementos pagãos, mas que foram reinterpretados por autores cristãos (Samplonius, 2013: 139-140).

Sobre essa perspectiva de Samplonius, acrescentamos mais dois argumentos de defesa. Henning Kure sugere que Náströnd poderia ser uma idealização poética para representar a morte desonrosa dos guerreiros que, cometendo crimes em vida, iriam para aquele tenebroso salão com serpentes e veneno ao morrerem, diferentemente dos guerreiros honrados que iriam viver em Valhala. A punição, na verdade, seria a desonra e o esquecimento de suas memórias. No entanto, o autor não descarta que haja referenciais cristãos que podem ter sido mesclados ao relato de Náströnd. No caso, Kure também recorda um comentário feito pela tradutora e literata Úrsula Dronke, a qual sugeriu que o crime de assédio de mulheres casadas encontrava paralelo na estrofe 115 do poema *Havámal* (Os ditos de Hár), no qual o personagem Loddfáfnir recebe a recomendação de não ter relação amorosa com esposas dos outros (Kure 2013: 87-89).

O segundo argumento que citamos diz respeito a *Saga dos Volsungos* (Volsunga saga). No capítulo 22 dessa saga, são apresentados os conselhos que a valquíria Brynhild concede a Sigurd. Dentre as várias recomendações que ela passou para o herói se tornar um homem sábio, algumas são bem interessantes: primeiro, ela diz que ele deveria ter cuidado ao se relacionar com mulheres virgens e jamais ceder aos amores de uma mulher casada, pois isso poderia trazer sérios problemas. Brynhild também exorta que o herói não devesse tomar falso juramento, pois o seu descumprimento era desonroso e a traição poderia ser grave. Por fim, destacamos a recomendação para que Sigurd não confiasse em ninguém que tivesse assassinado os próprios parentes, pois esses eram como “lobos”⁴. Diante dessa menção ao capítulo 22 da *Saga dos Volsungos*, nota-se como alguns dos conselhos apresentados por Brynhild lembram bastante os crimes punidos em Náströnd, o que nos levou a pensar que talvez tais crimes não fossem necessariamente uma invenção cristã, como sugerido por Bugge, Dieterich, McKinell e outros estudiosos, mas tivessem respaldo na cultura nórdica e seus mitos, como sugerido por Samplonius e Kure. Em outro momento do artigo, retomamos essas implicações.

A literatura apocalíptica

Dentre as fontes sugeridas por Sophus Bugge e Albrecht Dieterich constam dois apocalipses apócrifos. A menção a tais obras pode suscitar surpresa ou estranheza para

⁴ No original, usa-se a palavra *vargr*, que significava “lobo” e “assassino proscrito”.

alguns leitores, os quais provavelmente devem estar se indagando se existe outros relatos apocalípticos para além do *Apocalipse de João*, que consta como o último livro da *Bíblia*. Sendo assim, faz-se necessário explicar que existe um gênero literário chamado de literatura apocalíptica. Trata-se de uma literatura originária⁵ de uma tradição judaica, que remonta ao século III a.C. quando se delineavam profecias compartilhadas por alguns judeus, de que Javé poria fim à maldade e ao sofrimento no mundo, instituindo um Paraíso pleno e terrestre. Tais ideias contribuíram para que alguns judeus passassem a esperar um messias, que anunciaria as boas-novas de Deus, o que levou ao surgimento da tradição do Judaísmo messiânico (Stegemann, Wolfgang, 2004: 172).

A partir desse advento judaico, o Cristianismo Primitivo desenvolveu uma série de relatos apocalípticos, a começar pelo apocalipse canônico, atribuído ora ao Apóstolo João, ora a um profeta chamado João de Patmos. Apesar dessa dúvida sobre a identidade de qual dos dois teria escrito o apocalipse, é informado que em seu autoexílio na ilha grega de Patmos, João recebeu as revelações que ele disse ter ouvido dos anjos, mas também teve visões e sonhos, e teria realizado uma viagem espiritual (Piñero, 2007: 209).

O *Apocalipse de João* trata-se de um livro de revelações que tem como objetivo a comunicação epistolar, utilizando linguagem simbólica para indicar as passagens desses eventos, como a chegada do Anticristo, o Arrebatamento, os Mil Anos do reino de Jesus, o Armagedon e o Juízo Final. Nesse livro conhecemos as etapas ou fases dos acontecimentos que estão para ocorrer em tempo indeterminado, que serão marcados por guerras, crises e cataclismas; os tipos de pecadores que irão diretamente ao Inferno; a sentença de Satanás em ser atirado no lago de fogo e enxofre; e, finalmente, o Paraíso perpétuo para os bem-aventurados.

Embora esses sejam os temas principais do *Apocalipse de João*, os apocalipses apócrifos não seguem esse mesmo estilo ou ordem de acontecimentos. Esses relatos — que na maioria das vezes não foram encontrados em suas versões completas, mas apenas fragmentadas — tendem a narrar mais a respeito da vinda de Jesus, a citar guerras e cataclismas, a falar de um juízo, mas também em descrever o Paraíso, o Inferno e suas punições. Os teóricos desse gênero literário, “a apocalíptica”, preferem tratá-lo de modo amplo, uma vez que apresenta pensamento e forma variada de estrutura e estilo (Ramos, 2002: 45).

A literatura apocalíptica apresenta um farto emprego de metáforas, analogias e simbolismos. Isso dificulta definir claramente o que poderia ser classificado neste gênero literário. Desse modo, faz-se imprescindível breve esclarecimento sobre o significado dos termos apocalíptico (gênero de literatura revelatória), escatologia

⁵ É preciso salientar para não se confundir literatura apocalíptica com a escatologia apocalíptica. A segunda é anterior à primeira. Os persas do zoroastrismo possuem uma tradição apocalíptica. Os muçulmanos, hindus, maias, nórdicos etc. possuem também relatos sobre apocalipses (Soares, 2008: 111).

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodaafortuna.com

apocalíptica (perspectiva religiosa, cosmovisão) e apocalipsismo (ideologia, movimento religioso social), que facilmente são confundidos em significado. Consta-se que uma obra apocalíptica necessariamente não precisa apresentar um tom profético, sendo isso próprio da escatologia. Por outro lado, movimentos milenaristas ocorridos na Europa nos séculos XI ao XIII, podem ser considerados como sendo exemplos de apocalipsismo. Porém, é pertinente supor que o gênero literário apocalíptico é uma continuidade do modo de falar profético, pois:

É difícil definir exatamente a fronteira que separa o gênero apocalíptico do profético, do qual de certa forma, ele não é mais que prolongamento; mas enquanto os antigos profetas ouviam as revelações divinas e as transmitiam oralmente, o autor de um *Apocalipse* recebia suas revelações em forma de visões, que consignava em livro (*Bíblia de Jerusalém*, 2017: 2139).

A literatura apocalíptica teria sobretudo uma função teológica de apresentar uma noção ou discurso de futuro, ordem, finalidade, salvação e justiça final, mencionando que haverá um juízo a fim de agraciar os justos com bênçãos, enquanto, do outro lado, os ímpios serão punidos por seus pecados e crimes. A literatura apocalíptica nesse contexto de justiça divina apresenta uma ordem e finalidade, mostrando que o futuro não seria totalmente incerto, mas já estaria destinado ou predeterminado. Esse tipo de gênero literário também possuía a função de instrução moral, pois, ao descrever como seria o Paraíso e o Inferno, estaria atuando de forma moralmente doutrinária para alertar os cristãos que eles deveriam se manter íntegros e obedientes à doutrina e aos dogmas eclesiásticos. Caso não fizessem isso, o Inferno os aguardaria (Ramos, 2002: 46).

Apresentada essa sucinta explanação sobre o que seria a literatura apocalíptica, mencionaremos algumas informações sobre os dois apocalipses apócrifos que usaremos. O primeiro trata-se do apócrifo atribuído ao apóstolo Pedro:

O *Apocalipse de Pedro* foi sem dúvida composto no fim do século I ou no princípio do século II na comunidade cristã de Alexandria por um judeu convertido e influenciado ao mesmo tempo pelos apocalipses judaicos e pela escatologia popular grega. No século II, ele figura no catálogo das obras canônicas adaptadas pela Igreja de Roma, mas foi excluído do cânone fixado pelo concílio de Cartago em 397. Insiste sobretudo nos castigos infernais que retrata com grande vigor, valendo-se de imagens vindas, na sua maioria, através do judaísmo e do helenismo, do masdeísmo iraniano. A literatura medieval do além conservará a sua classificação das penas do inferno segundo as categorias de pecados e de pecadores (Le Goff, 1995: 52).

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

De autoria desconhecida, o *Apocalipse de Pedro* relata que o apóstolo teria tido uma visão de como seria o Paraíso e o Inferno. A obra está fragmentada, sendo formada por poucas páginas, e as versões em grego koiné e grego etíope são ligeiramente diferentes. No Paraíso, o apóstolo descreve os cristãos salvos, coros de anjos e a beleza do lugar. No Inferno, ele descreve algumas punições dadas a determinados pecados, enfatizando pecados sexuais como adultério, fornicação e aborto, e pecados cometidos “com a língua” (mentira, blasfêmia e falso testemunho), embora também comente outros tipos de pecados, como desobediência, idolatria e o crime de perseguir a Igreja, seus representantes e os cristãos (Piñero, 2007: 234-235).

A segunda fonte apocalíptica trata-se do *Apocalipse de Paulo*, manuscrito apócrifo datado por volta do século III d.C., que possui versões em grego, copta, etíope, latim, eslavo, armênio e siríaco. Também existe uma versão gnóstica de título similar. Todas as versões apresentam ligeiras diferenças; algumas são mais longas e outras mais curtas. As versões latinas curtas do século IX se popularizaram posteriormente. Basicamente, as distintas versões narram que, através de um anjo, foi proporcionado ao apóstolo Paulo visões do fim dos tempos, do Paraíso e do Inferno. Essa narrativa reporta a ascensão de Paulo, as queixas de toda a criação contra a maldade do homem, e o Juízo Final para os justos e aqueles que praticaram o mal (Le Goff, 1995: 54).

O *Apocalipse de Paulo*, assim como o de Pedro, segue narrando sobre as visões do Paraíso e do Inferno. Ele baseia-se em 2 Coríntios 12: 2-4, que menciona uma viagem de Paulo ao Terceiro Céu. A partir dessa menção, desenvolve-se o relato creditado ao apóstolo sobre sua ida ao Paraíso, onde ele é recebido pelos profetas Enoque e Elias, os quais o guiam. Por sua vez, o Inferno é descrito como dividido em duas partes: o Inferno Superior, onde os bons aguardariam sua entrada no Paraíso⁶, e o Inferno Inferior, descrito como um grande abismo, com poços, rios de fogo, feras e demônios. Algumas das penas e pecados listados são os mesmos vistos no relato de Pedro, embora os pecados de desobediência, idolatria, blasfêmia e aborto não sejam mencionados. Porém, menciona-se atos ligados à conduta dos clérigos. Isso é um dado interessante, pois o discurso desse apocalipse não é voltado apenas para a população no geral, mas também apresenta algumas críticas ao mau comportamento do clero. Além disso, as formas de punição são diferentes daquelas vistas no *Apocalipse de Pedro*, o que inclui a menção de que no Inferno haveria gelo e neve (Piñero 2007: 235-236).

As visões do Além

Outro *corpus* de fontes utilizado trata-se de obras que apresentam visões sobre o Inferno e seus tormentos. Essas obras estão inseridas nos relatos religiosos e

⁶ Jacques Le Goff considerava que o *Apocalipse de Paulo* foi uma das principais influências para a ideia de Purgatório (Le Goff 1995: 54).

mitológicos sobre o imaginário cristão infernal, algo que esteve em voga por séculos na Europa. Georges Minois explica que, a partir do século VI, a Igreja Católica decidiu criar uma definição única de Inferno, procurando combater as várias interpretações que existiam, algumas destoantes da *Bíblia*. Tais decisões foram incentivadas pelo imperador bizantino Justiniano e aprovadas no Segundo Concílio de Constantinopla (543) (Minois, 2005: 141-142). Apesar da medida tomada no concílio (proibir outras interpretações sobre o Inferno e elencar uma única interpretação exata), sua proibição não surtiu efeito desejado. Leigos e clérigos entre os séculos VI e XIII escreveram sobre o Inferno, fosse pensando-o teologicamente, fosse relatando visões, sonhos ou supostas idas até lá. Eileen Gardiner diz que as visões sobre o Paraíso e o Inferno foram um tema recorrente no medievo europeu, tornando-se bastante popular e levando à origem de dezenas de obras ao longo de séculos (Gardiner, 2018).

Jacques Le Goff destaca que a condição dessas visões não serem consideradas apócrifas, mas até mesmo canônicas, contribuiu para que tais relatos fossem normalmente aceitos e usados pelos clérigos em sermões e pregações, mesmo que houvesse discordância por parte do clero entre algumas dessas narrativas. Outro motivo para proliferação e apreço desse tipo de gênero literário foi suas descrições “supostamente” reais do Inferno e do Paraíso, e seu caráter de *exemplum*⁷ (Le Goff, 1995: 48).

Devido à abrangência de obras sobre visões de outros mundos, decidimos escolher algumas das mais conhecidas e significativas para nosso estudo. A primeira trata-se da *Visão de Túndalo* (*Visio Tnugdali*), obra atribuída a um monge beneditino irlandês de nome Marcos, tendo sido escrita no século XII. Tornou-se bastante popular posteriormente. Marcos teria viajado no ano de 1149 para Regensburg (Ratisbona), na atual Alemanha, onde acredita-se que tenha escrito seu relato. Redigido em latim, o manuscrito narra a história de Túndalo, homem que vivia em Cork, na Irlanda, e que entre os dias 3 e 6 de novembro de 1148, esteve num profundo sono, a ponto de sua alma sair do corpo e ser guiada por um anjo ao Inferno, onde lhe são apresentados os terrores ali contidos. Além dessa viagem ao Inferno, Túndalo também relata a respeito do Paraíso. Alguns estudiosos sugerem que Dante Alighieri e outros autores possam ter lido essa obra, já que várias cópias delas foram feitas para o irlandês, inglês, português, provençal, etc., o que sugere que tal texto era relativamente importante para ter sido traduzido para distintas línguas e continuar a ser copiado pelos séculos seguintes (Easting, 1997: 70-71).

Das visões utilizadas neste estudo, a de Túndalo é uma das mais significativas por seu impacto descritivo e por servir como *exemplum*, tendo fins teológicos e moralistas, por criticar os fiéis que não cumpriam com as obrigações litúrgicas, como

⁷ Consistiu em uma narrativa de origem greco-romana usada para fins políticos, oratórios, jurídicos, possuindo um forte discurso persuasivo. Foi adaptada pelos cristãos para se tornar instrumento de evangelização. No século XII, voltou a se popularizar, trazendo elementos “supostamente” verídicos para serem usados como motivos de um discurso moral e religioso, geralmente associado ao pecado e virtude (Le Goff, 1994: 60).

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodaafortuna.com

fazer jejum e ir à missa, além de criticar os clérigos que em alguns casos se julgavam protegidos das tentações. A obra de Túndalo também é notória por sua macabra descrição de torturas e punições aos pecadores, pela descrição do Diabo, do Paraíso e louvor às virtudes cristãs (Zierer, 2002: 163-167).

Outra fonte trata-se da *Visão de Frei Alberico de Settefrati* (*Visio do Frate Alberico di Settefrati*), que teria possuído essa visão na idade dos dez anos, após padecer por nove dias de intensa febre que quase o matou. O relato foi escrito por um monge chamado Guido, que vivia na Abadia de Monte Cassino, na Itália, sendo datado do século XII. Na visão do jovem Alberico, ele conta ter sido guiado por São Pedro, e dois anjos chamados Emmanuel e Hélios, tendo visitado o Inferno e o Paraíso. A obra apresenta influências de outras visões (Gardiner, 1999: 30).

Alberico começa sua jornada espiritual primeiro no Inferno, relatando que as crianças que morreram em tenra idade eram purgadas no fogo infernal, sendo este chamado de Prudência (it. *Prudenza*)⁸. Em seguida, ele relata alguns pecados que eram sentenciados, como adultério, fornicação, estupro, incesto, aborto, maus-tratos das mães com os bebês, desobediência ao jejum e abstinência sexual, tirania, homicídio, clérigos que quebraram os votos, roubo, violação, calúnia, perjuro, etc. No relato é descrito que no Inferno havia muito fogo, gelo, fumaça, lagos de águas sulfurosas e sombrias, serpentes, vermes, dragões e demônios. Na parte do Paraíso, Alberico relata suas belezas, além de apresentar elogios aos santos e mártires (Pisoli, 2008). Sua obra também teve um caráter de *exemplum*.

Breve comentário das *Eddas*

A *Edda Poética* é o nome dado a um conjunto de poemas contidos no *Codex Regius* (GKS 2365 4to), que versam sobre narrativas mitológicas a respeito dos deuses e de alguns heróis. A obra é formada por 36 narrativas, havendo versões com menos poemas também. A autoria de cada poema é desconhecida e o próprio compilador do manuscrito também não é identificado. As narrativas datam de entre os séculos X e XIII, sendo que o manuscrito mais antigo é datado do final do século XIII (Lerate, 2012a: 10).

O *Völuspá* (Profecia da Advinha) é o primeiro poema do ciclo mitológico do manuscrito *Codex Regius*, o qual teria sido composto por volta do ano 1000, escrito no estilo *fornyrðislág*⁹. Nesse poema, o deus Odin viajou a Hel e ressuscitou uma adivinha (*völva*), na expectativa de obter os conhecimentos guardados por ela sobre o que o

⁸ Esse lugar seria o equivalente ao conceito de Limbo, para onde iriam as crianças não batizadas.

⁹ *Fornyrðislág* – “estrofes de quatro versos com pausa sintática depois do segundo” (Lerate, 2012a: 10-11).

destino reservava aos deuses. A adivinha revelou o passado através de um relato cosmogônico (estrofes 3-27), o presente mítico (estrofes 30-43), o futuro até o Ragnarök e a conclusão deste (estrofes 44-62). O poema é um dos mais conhecidos da *Edda Poética* pela grande quantidade de referências mitológicas e influências cristãs, e por possuir um conteúdo cosmológico e escatológico (Dronke, 1997: 25-27).

A *Edda em Prosa* possui quatro manuscritos conhecidos, datados do século XIV, embora sua autoria seja creditada ao poeta e legislador Snorri Sturluson (1178–1241), que a teria redigido na década de 1220. Sturluson pertencia a uma família próspera e influente da Islândia, tendo sido educado em Oddi, importante centro copista da ilha. Também lhe é creditada a escrita de outras obras, como a coletânea de sagas reais intitulada *Heimskringla* (Lerate, 2012b: 16). A *Edda em Prosa* é dividida em quatro partes: o Prólogo, de caráter evemerista e considerado apócrifo por alguns estudiosos; o *Gylfaginning* (Alucinação de Gylfi), que consiste na parte central do manuscrito, narrando vários mitos da origem ao fim do mundo; o *Skáldskaparmál* (Linguagem dos poetas), que traz outros mitos e a explicação de várias metáforas; e o *Háttatal* (Lista de versos), um estudo de como compor versos (Langer, 2015: 143-145).

O *Gylfaginning* é a parte mais conhecida e significativa da *Edda em Prosa*, apresentando uma narrativa que se desenvolve através da conversa do mítico rei Gylfi da Suécia, com três misteriosos homens chamados Alto, O-mais-Alto e Terceiro, os quais respondem as várias perguntas do curioso rei. As perguntas de Gylfi seguem um caminho cronológico, partindo da origem do mundo, do surgimento dos gigantes, deuses, anões, humanos; quem eram os principais deuses e suas funções; e quais eram os reinos que existiam, até culminar no Ragnarök e o que viria depois dele. A obra também apresenta aspectos cristãos devido a Sturluson pertencer a essa religião (Faulkes, 2012: lxxi-lxxii).

Ambas as *Eddas* foram escritas no século XIII, época em que a Islândia estava cristianizada. Embora tais escritos abordem mitos pré-cristãos, a organização desses relatos foi realizada por autores cristãos. A Islândia era um centro de produção literária no Norte da Europa. Apesar de ser uma ilha distante geograficamente, ela não estava totalmente isolada do que era produzido no continente. Literatura cristã, anglo-saxã, franca, germânica e clássica chegavam aos clérigos, poetas e leitores islandeses (O'Donoghue, 2004: 61). Não é improvável que os apocalipses apócrifos, as visões e a literatura clássica, como a *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida*, fossem conhecidas por parte de alguns islandeses. O prólogo da *Edda em Prosa* apresenta referências à mitologia greco-romana e à Guerra de Troia, por exemplo. Anthony Faulkes explana que a conexão com os ingleses e irlandeses foi importante para levar o conhecimento literário que eles adquiriam de Paris e Roma, atuando como intermediários para os islandeses (Faulkes, 1997: 5-8).

Elementos de análise

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

As obras escolhidas para análise foram escritas entre os séculos I e XIII, representando um longo período que vai da Antiguidade à Idade Média Central (sécs. XI–XIII), e como o intuito da pesquisa foi perceber a presença do imaginário cristão do Inferno nestas fontes, fez-se necessário adotar essa longuíssima duração para podermos ter a possibilidade de perceber seu desenvolvimento, manifestação e influências.

No que diz respeito ao uso de uma diacronia de longa duração, Braudel explica que o tempo histórico se manifesta de distintas formas e velocidades, sendo a longa duração um meio de perceber determinadas mudanças culturais, geográficas, sociais, climáticas etc. Estas manifestam-se por décadas ou séculos, desenvolvendo-se num ritmo lento e apresentando mudanças às vezes pouco perceptíveis quando são analisadas em temporalidades mais curtas (Braudel, 1978: 50-52).

Essa longa duração foi adotada por Carlo Ginzburg para seu estudo sobre o imaginário da feitiçaria e da bruxaria na Europa durante a Idade Média. O autor recorreu a um método sincrônico-diacrônico, destacando sua abordagem de diacronia extensa para localizar distintos elementos oriundos do século IX, que foram sendo ressignificados com o tempo para originar o conceito de bruxaria no século XV.

Embora a diacronia de Ginzburg seja bastante extensa, para nossa pesquisa o recorte temporal restringe-se principalmente aos séculos XI ao XIII, período no qual os apocalipses influenciaram as visões sobre o Inferno e Paraíso, e corresponde à época em que as *Eddas* foram redigidas. Embora os apocalipses datem dos séculos I ao III, não trabalhamos com as versões desse período, mas com versões do XI em diante, pois essas são mais acessíveis e teriam sido as utilizadas pelos autores da época. Com isso, não consideramos um empecilho abordar três séculos de história. Considerando a explanação de Braudel, essa longa duração de trezentos anos nos permitiu perceber a continuidade de ideias bem antigas sobre o Inferno, que foram sendo ressignificadas ao longo do tempo, preservadas na literatura e difundidas na oralidade.

Explanado esse detalhe quanto à diacronia, citaremos alguns aspectos sobre as versões escolhidas das fontes¹⁰. Os apocalipses de João, Pedro e Paulo são as fontes mais antigas, datados de entre os séculos I ao III, embora o apocalipse canônico somente tivesse sua versão definitiva, datada do século XI. Utilizou-se a versão grega

¹⁰ Pela condição de que nem todas as fontes analisadas possuam boas traduções para o português, decidimos apresentar traduções no inglês. No entanto, recomendamos a tradução do *Apocalipse de João* presente na *Bíblia de Jerusalém*. Também sugerimos a tradução do poema *Völuspá* publicada no periódico *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/scandia>. Quanto à *Edda em Prosa*, existe duas traduções em português, mas ambas foram traduzidas a partir do inglês e não da língua original. Além disso, apresentam alguns problemas de tradução e de análise de conteúdo.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

traduzida na *King James Holy Bible* para o *Apocalipse de João*; uma tradução de uma versão grega do *Apocalipse de Pedro*; e uma tradução de uma versão latina do *Apocalipse de Paulo*. Como informado anteriormente, as versões apresentam alterações de conteúdo, mas optamos pelas versões em grego e latim por conterem mais elementos que se encaixam nessa análise, além de terem sido as que comumente eram lidas no Medievo (Piñero, 2007: 281-282).

Quanto à *Visão de Týndalo* e à *Visão de Frei Alberico de Settefrati*, seus manuscritos são datados do século XII, mas as versões usadas nessa análise datam de cópias do século XV. No caso do *Völuspá*, utilizou-se uma tradução direta do manuscrito do *Codex Regius* (GKS 2365 4to). Quanto ao *Gylfaginning*, a versão usada encontra-se no *Codex Uppsaliensis* (DG 11), um dos quatro manuscritos conhecidos desse livro, e o único que traz a autoria creditada a Snorri Sturluson, sendo datado do século XIV.

A partir dessas sete fontes, decidimos criar uma tabela com as características que nos interessam para fins de comparação. Nessa tabela elencamos os seguintes elementos que representam conexão de maneira que respalde a indagação de uma possível influência cristã: serpentes, vermes, veneno, assassinato, perjúrio, mentira, pecados sexuais, lobo, dragão, rio e lago. Na tabela 2, apresentada adiante, sintetizamos essas características e enfatizamos as diferenças também.

Tabela 1: Textos das fontes

Fonte	Textos
Apocalipse de João	21:8 But the fearful, and unbelieving, and the abominable, and murderers , and whoremongers , and sorcerers, and idolaters, and all liars , shall have their part in the lake which burneth with fire and brimstone: which is the second death (<i>King James Holy Bible</i> , 2007: 1290).
Apocalipse de Pedro	25. And the murderers and those who have made common cause with them shall they cast into the fire, in a place full of venomous beasts , and they shall be tormented without rest, feeling their pains; and their worms shall be as many in number as a dark cloud (Elliott, 1993: 604). 240. And then shall all men pass through a blazing river and unquenchable flame, and all the righteous shall be saved whole, but all the ungodly shall perish for all ages, as many as formerly did evil, and committed murders , and all who were privy thereto, liars , thieves, deceivers, cruel destroyers of houses, gluttons, adulterers , slanderers , insolent, lawless, idolaters, and all that forsook the great immortal God and became blasphemers and ravagers of the godly, breakers of faith and destroyers of righteous men (Elliott, 1993: 613).
Apocalipse	3. And then Paul saw a fiery furnace burning, and from it seven flames of various colors rose up, and many suffered in it. And seven plagues were around the

de Paulo	<p>furnace. The first was snow and coldness. The second was ice. The third was fire. The fourth was blood. The fifth was serpents and evil vermin. The sixth was lightning. The seventh stench. And to that furnace the souls of sinners who do not do their penance in this world will be sent (Rempt, 2016: 23).</p> <p>6. Then he saw a dreadful river full of diabolical creatures like fish in the sea, devouring the souls of sinners like wolves devouring sheep (Rempt, 2016: 24).</p> <p>11. “The others who are submerged up to their navel?” “These are the fornicators and adulterers, who afterwards don't remember to come to penitence” (Rempt, 2016: 26).</p> <p>16. And Paul saw another place with every type of punishment in it. And there there were black maidens with pitchblack cloaks around them, and fiery dragons and serpents and poisonous snakes coiled up around their necks (Rempt, 2016: 27).</p> <p>23. Then Paul saw naked men and women and insects and snakes were eating them. And they were each on top of one another like sheep in a sheepfold (Rempt, 2016: 30).</p>
Visão de Túndalo	<p>To this the angel said, “These are murderers, parricides and fratricides. This is the first punishment of the perpetrators and of those consenting with the perpetrators; and after this they will be led to the greatest punishments that you will see.” (Gardiner, 1999: 110).</p> <p>Their genitals are consumed with different pains since they observed no limits. For they sharpened their tongues just like serpents, and so they suffer these flames. Also, their genitals, which were not restrained from the prohibited luxury of sexual relations, are either cut away or they produce ferocious beasts for increasing their pain. (Gardiner, 1999: 110).</p>
Visão de Frei Alberico de Settefrati	<p>3. These, the Blessed Apostle Peter told me, are those who committed adultery, incest, rape, or who lived without marriage and had fallen into grave acts of fornication (Pisoli, 2008).</p> <p>12. I then saw a horrid and dark place smelling of noxious fumes and of roaring flames; it was full of snakes and dragons amongst shrieks and terrible screams. The Apostle explained it was to be the destination of those that had abandoned the ecclesiastic order and had quit the monastic rule (Pisoli, 2008).</p> <p>13. Afterwards the Apostle showed me a great lake dark in appearance and full of water of a sulfurous stench; it was full of serpents and scorpions. In this lake were submerged a great number of souls. There were demons holding a serpent by one hand and smashing the faces and the heads of men against those of the serpents. The Apostle told me “these are the slanderers who gave false testimony.” (Pisoli, 2008).</p>

	43. Now they would like to enter and seek refuge within, but they are not permitted. The men of somber and dark appearance that pursue them with torture and torment, are demons. The mournful voice that you heard was that of the master of this land, who during his entire life had gone chasing worldly possessions and had committed perjury, homicide, adultery, false testimony , arguments, slander, betrayals and all sorts of sins. Every time that he came to church, even though he had heard the divine word, he would gather his soldiers to oppress the poor, commit adultery , commit perjury , take away other's belongings and do many other injustices (Pisoli, 2008).
Völuspá	38. She saw there wading onerous streams men perjured and wolfish murderers and the one who seduces another's close-trusted wife. The Malice Striker [Nidhogg] sucked Corpses of the dead, the wolf tore men. Do you still seek to know? And what? (Dronke, 1997: 17).
Gylfaginning	I know a hall that stands far from the sun on Nástrands, north face the doors. Poison drops flow in through the smoke-hole. This hall is woven from snakes' backs. There shall wade heavy streams perjured people and murderers. 'It is worst in Hvergelmir: There Níðhöggr torments the bodies of the dead.' (Faulkes, 2012: 83-85).

Com base nessas descrições apresentadas na tabela 1, passamos para comentar e analisar os elementos identificados nas narrativas. Em Náströnd é descrito que os condenados vadeavam por rios de bravia correnteza em meio a veneno dentro de um salão de ossos de serpentes. Eles também seriam atormentados por Nidhogg, que os sugaria¹¹ e um lobo que os devoraria. Comparando Náströnd com os outros relatos, observamos a presença de serpentes, dragões e de fortes correntezas. Todavia, o lobo

¹¹ Em geral, nos apocalipses apócrifos e visões, os dragões são relatados no Inferno mastigando ou cuspidando fogo nos pecadores, mas não os sugando (*sang*, no original em nórdico). Por mais que pareça estranha essa descrição específica atribuída a Nidhogg, no *Bestiário moralizante de Gubbio* (séc. XIV), escrito em forma de poema, no relato sobre o dragão, diz que a criatura mataria não mordendo, mas lambendo e sugando (Morini, 1996: 524). Isso é algo intrigante, que encontra paralelo com Nidhogg.

somente encontra paralelo uma vez, e o lago Hvergelmir encontra referências em mais de um dos outros relatos. Comentaremos essas características em comum para depois citar algumas diferenças.

Inicialmente, nota-se a presença de serpentes e dragões nas citações destacadas nos apocalipses apócrifos e nas visões, o que poderia atestar que a menção desses dois animais em específico talvez se deva à condição de que biblicamente sejam animais associados com Satanás, algo bastante evidenciado no *Apocalipse de João*. Considerando que os apocalipses apócrifos de Paulo e Pedro e as visões têm como referência o apocalipse canônico, não é de se estranhar que esses dois animais possuam destaque. Além disso, destacamos que serpentes e dragões possuem uma ligação simbólica com o subterrâneo. Seja a condição de as cobras habitarem tocas e rastejarem por buracos, seja os dragões viverem em cavernas, essas características foram reproduzidas várias vezes, permeando o imaginário de distintos povos. Hilário Franco Júnior assinala que determinados imaginários são reconstruções contínuas de outros, os quais aglutinam ideias simples que vão sendo moldadas com o tempo (Franco Jr, 2010: 75).

Excetuando-se o *Apocalipse de João*, os demais relatos analisados trazem menções a serpentes, apesar de o *Apocalipse de Pedro* não as citar diretamente, mas falar de animais venenosos e de vermes. No caso da relação de vermes e serpentes, já foi apontado anteriormente a menção ao livro de Isaías e a condição de que na língua nórdica a palavra *orm* significa esses dois animais. Essa semelhança não era exclusividade dos nórdicos. Isidoro de Sevilha, no século VII d.C., em sua catalogação das famílias dos animais, já considerava serpentes, lagartos e vermes como pertencentes à mesma família, e essa classificação foi reutilizada mais tardiamente nos bestiários, o que seria um indicativo da manutenção dessa relação entre vermes e serpentes (Isidoro de Sevilha, 2008: 248). Porém, cogitamos que, para além dessa possível correlação entre esses dois animais, o que imperou tenha sido o simbolismo da serpente associado com o subterrâneo e o mundo dos mortos.

Entre outros povos europeus, isso já era visto, como no caso dos etruscos, os quais associavam serpentes com o submundo e a proteção dos mortos, a ponto de retratarem esses animais em túmulos e criptas. Isso foi até mesmo assimilado pelos romanos por certa época, já que no poema *Eneida* (séc. I d.C.) há menção de que Enéas, ao visitar o túmulo de seu pai, deparou-se com uma serpente guardando-o, e encontrou dragões no Hades (Hostetler, 2007: 203-204). Se sairmos da Europa, outros povos, como os egípcios, os hindus e chineses, também relatam serpentes e dragões no submundo. Isso faz parte do imaginário sobre esse local, consistindo em certa forma num elemento comum no âmbito euroasiático (Lurker, 2005: 8458). Logo, a presença de serpentes e dragões no submundo seria mais usual do que a dos vermes.

Outro elemento em comum nessas narrativas foi a presença de rios e lagos. Os relatos consultados falam de lagos ou rios de fogo, ou congelados, ou com águas sulfurosas, lamacentas, pântanos e poços sombrios. No quesito gelo e fogo,

normalmente é mais evidenciado nos apocalipses e visões e, quando comparado ao relato de Náströnd, à primeira vista parece não ter nenhuma ligação, pois na versão do *Völuspá* não cita nenhum lago, sendo que o Hvergelmir aparece no *Gylfaginning*, descrito como um grande lago de onde nasceriam os rios do mundo. Assim, não existem outras informações que ligariam esse lago com o fogo e gelo dos outros relatos. No entanto, existe um detalhe etimológico que nos fez repensar essa consideração.

A palavra Hvergelmir é traduzida como “caldeirão fervente” (*hot-spring-boiler*) (Lindow, 2001: 188) ou “caldeirão borbulhante” (*bubbling cauldron*) (Simek 1993: 166). Nota-se que pelas traduções sugeridas por John Lindow e Rudolf Simek, em ambos os casos, Hvergelmir apresenta a conotação de ser um lago de águas quentes, o que nos faz associar com os relatos contidos nos apocalipses e visões sobre lagos e rios de fogo e sulfurosos. Além dessa característica, sublinhamos que no *Gylfaginning* esse lago fica situado em Niflheim, a terra do gelo e neblina. O que um lago de águas quentes estaria fazendo num local frio? Provavelmente, seria uma alusão às fontes termais que são encontradas em algumas localidades da Escandinávia¹². De qualquer forma, observa-se a conexão do lago Hvergelmir com o frio (Niflheim) e com o calor (água quente), que nos faz remeter ao fogo e gelo citado em alguns dos apocalipses e visões.

Apesar dessa relação entre os relatos, ela deve ser encarada de forma cautelosa. Eldar Heide escreveu que, em vários mitos europeus, e até em outras partes do mundo, a ideia de que o mundo dos mortos fosse no subterrâneo ou no céu, em geral, estava associada com a presença de água, normalmente com rios, pois esses simbolizavam demarcadores de fronteira, mas também caminhos que os mortos percorreriam ou teriam que transpor para acessar tais lugares. A observação de Heide explica por que nos relatos destacados na tabela I, em todos, possuímos menções a rios ou lagos, pois tratava-se de um imaginário comum para descrever o submundo (Heide, 2011: 59).

A respeito dos crimes punidos em Náströnd, esses são similares a alguns dos crimes vistos no *Apocalipse de João* 21:8, no qual lemos que os assassinos, lascivos e mentirosos seriam castigados no lago de fogo e enxofre. No *Apocalipse de Pedro* fala-se que os homicidas seriam punidos com fogo e atormentados por incontáveis vermes, referência a Isaías 66:24. Nesse ponto, tanto os condenados de Náströnd quanto os pecadores do Inferno descritos por Pedro padecem de tormentos parecidos. E essa ideia é ainda mais nítida no capítulo 240 desse apocalipse, quando se apresenta outros pecados que são castigados, incluindo os mentirosos e os adúlteros, e reforçando que eles passariam por um rio flamejante. Novamente, vê-se a presença de um rio perigoso.

¹² A Islândia, por ser uma ilha vulcânica em atividade, apresenta várias fontes termais, gêiseres e vulcões ativos. Salienta-se que a geografia local tende a influenciar a geografia mitológica, algo visto em outras mitologias.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

Já no *Apocalipse de Paulo*, menciona-se diferentes localidades do Inferno, incluindo fogo, gelo, escuridão e animais como serpentes, dragões e lobos, os quais acometeriam os pecadores. As serpentes são mencionadas algumas vezes na descrição do inferno, além de haver outra menção a um terrível rio onde habitariam criaturas diabólicas. Nesse manuscrito também se destaca a punição aos fornicadores e adúlteros, os quais podem ser equiparados aos assediadores de mulheres casadas, como visto no relato do *Völuspá*.

No que se refere à *Visão de Túndalo*, voltamos a encontrar referências ao crime de assassinato, embora nesse relato haja destaque para apontar tipos específicos como o homicídio, o parricídio e o fratricídio, ou seja, destaca-se a gravidade de não apenas matar estranhos, mas de assassinar familiares. O relato também destaca que aqueles que cometeram atos sexuais impuros e imorais seriam feridos na genitália por serpentes, monstros, fogo e gelo. Ser castigado com serpentes é um elemento a mais que os associa a Náströnd. Por outro lado, a visão também comenta que os espiões e traidores seriam punidos por demônios numa montanha, sendo atirados em fogo e neve, e espetados com lanças e tridentes de ferro. O pecado de traição nos remete ao perjúrio citado nos relatos de Náströnd.

Quanto à *Visão de Frei Alberico de Settefrati*, ela menciona um grande lago sombrio, algo que nos faz remeter ao Hvergelmir. No relato do frei, destaca-se o homicídio, calúnia, falso testemunho e pecados sexuais. Dessa forma, encontramos novamente respaldo para os crimes sentenciados em Náströnd. Por fim, a *Visão de Frei Alberico* também informa que no Inferno os pecadores seriam estrangulados e feridos por serpentes e escorpiões, que existiriam em grande quantidade e até mesmo dentro da água do lago sombrio. Em Náströnd não temos escorpiões, mas fala-se em muitas cobras que verteriam tanto veneno que alagaria o local. Além disso, o poema *Grimnismál* na *Edda Poética*, na estrofe 16, relata que no submundo havia uma quantidade imensurável de serpentes, característica que nos faz perceber certa semelhança com a visão do frei.

Explanados esses elementos presentes nas narrativas, percebe-se que, embora o *Apocalipse de João* faça menção à serpente e ao dragão, tais criaturas são utilizadas como referência ao Diabo, e em momento algum cita-se que tais animais estariam presentes no Inferno, atormentando os pecadores. No entanto, em outro livro bíblico, em Isaías 66:24, fala-se que os mortos seriam devorados por vermes e queimados em um fogo que nunca se apaga. Tal menção costuma ser interpretada como uma referência ao Inferno.

A presença de vermes, serpentes, dragões, lobos e escorpiões¹³ são vistas nos apocalipses de Pedro e Paulo, os quais de acordo com Elliot e Rempt foram populares

¹³ A menção desses animais [dragão (Ez 29:3; Ap 12:7-17), escorpião (1 Reis 12:11; Eclo 39:20; Luc 11:12) lobo (Gen 49:27; Mat 7:15; Atos 20:29), serpente (Gen 3:4; 49:17; Núm 21:6; Deut 32:33; Ap 20:2), verme (Is 14:11;

na Alta Idade Média (sécs. V–X), devido à sua descrição mais precisa sobre o Inferno e seus castigos (Elliot, 1993: 640; Rempt, 2016: 10-11). Algumas das ideias contidas nesses apocalipses apócrifos foram reutilizadas na literatura apocalíptica e na literatura de visões, condição essa que percebemos determinadas similaridades nas descrições apresentadas anteriormente. Na tabela I, enfatizamos mais as semelhanças, mas Schjodt recomenda que as diferenças também devam ser destacadas e analisadas. A propósito, as diferenças podem até mostrar certas informações e padrões que passam despercebidos, quando as ignoramos e privilegiamos apenas a comparação entre semelhanças.

Tabela 2: Tipos de crimes e punições

Fonte	Crimes	Punição
Apocalipse de João	Assassinos, impudicos, mentirosos, covardes, corruptos, infiéis, feiticeiros e idólatras	Lago de fogo e enxofre, escuridão
Apocalipse de Pedro	Assassinos, mentirosos, adúlteros, ladrões, enganadores, caluniadores, destruidores de casas, insolentes, glutões, foras-da-lei e idólatras	Animais venenosos, escuridão, demônios, rio de fogo, vermes
Apocalipse de Paulo	Assassinos, fornicadores, adúlteros, gananciosos, iníquos, caluniadores, invejosos, usurários, não casar virgem, aborto, negligência aos pobres, clérigos que quebraram os votos, pagãos	Escuridão, neve, gelo, fogo, sangue, fedor, raios, rio selvagem, serpentes, vermes, dragões e lobos
Visão de Túndalo	Assassinos, parricidas, fraticidas, luxuriosos, traidores, espíões, orgulhosos, gananciosos, ladrões, glutões	Vale sombrio, nevoeiro, fogo, fedor, neve, gelo, demônios, monstros, serpentes, cães, ursos e leões
Visão de Frei Alberico	Assassinos, perjuros, caluniadores, falso testemunho, adultério, fornicção, incesto, estupro, maus-tratos das mães com os bebês, aborto, desobediência ao jejum e abstinência sexual, tirania, clérigos que quebraram os votos, ladrões, violadores	Escuridão, fogo, gelo, lago de águas escuras, poços fétidos, demônios, dragões, serpentes e escorpiões
Völuspá	Assassinos, perjuros e assediadores de mulheres casadas	Escuridão, rio selvagem, serpentes, veneno, dragão e lobo

66:24; Míq 7:17)], em geral, simbolizam noções sobre perigo, castigo, morte, sofrimento e maldade, sendo criaturas comuns no relato bíblico. Por isso, suas menções são corriqueiras nos apocalipses e visões.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

Gylfaginning	Assassinos e perjuros	Escuridão, rio selvagem, serpentes, veneno, dragão e lago
--------------	-----------------------	---

Por essa tabela, notamos como a quantidade de pecados sentenciados nos apocalipses e visões é bem numerosa; em contrapartida, os crimes sentenciados em Náströnd é diminuto. Observa-se, por essa tabela, a constante ocorrência das menções ao assassinato, à mentira, à deslealdade e aos pecados sexuais. Poder-se-ia pensar que isso seria uma coincidência. No entanto, Minois destacou os escritos de dois clérigos que nos revela algo bastante intrigante. No século VI, (são) César de Arles (c. 470–543), que foi autor de várias homilias e sermões, relatou que os pecados mais graves eram sacrilégio, roubo, rapina, soberba, inveja, avareza, ira, homicídio, adultério e falso testemunho. Por sua vez, no século XII, Julien de Vézelay (c. 1080–1130), também listou em um de seus sermões quais pecados ele considerava mais graves, sendo estes a fornicção, sodomia (homossexualidade), impureza, adultério e homicídio (Minois, 2005: 230).

Vézelay escreveu sua lista quase seis séculos depois de Arles, e o período em que ele viveu coincide com a época de proliferação das visões. Com isso, notamos que parece ter havido, no imaginário infernal e na teologia, um consenso quanto aos pecados mais graves que seriam sentenciados no Inferno. Por mais que os apocalipses e as visões tragam pecados diferentes, ainda assim, o homicídio, o perjúrio e o adultério constam continuamente nesses relatos. Tal condição nos fez perceber que a repetição desses pecados nos relatos de Náströnd talvez não tenha sido mera coincidência, como comentado por Bugge, Dieterich e McKinell.

Diante disso, recordamos que as obras comentadas eram todas conhecidas no século XIII em maior ou menor grau. O conhecimento desses apocalipses e visões é importante, pois notamos que os relatos de Náströnd contidos nas *Eddas* têm forte ligação com esse período do imaginário cristão sobre o Inferno, no qual tais ideias eram difundidas entre os escritores e até mesmo pela população que eventualmente ouvia essas narrativas. Não seria improvável que a Islândia, sendo um centro copista, estivesse totalmente isolada do contato com essa produção literária do período. É possível que de alguma forma tais relatos tenham chegado aos islandeses.

Conclusões

Um dos problemas do uso indiscriminado de métodos comparativos era a condição de que os pesquisadores desses métodos, em geral, tinham em mente a preocupação de procurar apenas semelhanças, pelas quais sua comparação pudesse ser efetivada. Assim, formariam um quadro com elementos que pudessem sustentar

teorias de continuidade cultural, demonstrando que certas características seriam originárias de fontes antigas, as quais teriam influenciado povos que compartilhavam aspectos linguísticos, sociais, religiosos e mitológicos em comum. Isso foi mais perceptível no estudo das religiões e da mitologia. Desde o século XIX estudiosos tendiam a usar o método comparativo para tentar descobrir determinados traços de universalismo nos mitos e em crenças religiosas.

Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, a forma de perceber e aplicar a metodologia comparada mudou. O intuito de procurar evidenciar apenas as semelhanças e descartar ou renegar as diferenças já não é mais concebível. Diante disso, pensar que Náströnd poderia, segundo a concepção de Bugge e Dieterich, ter sido uma manifestação de ideias cristãs, de início, foi algo que cogitamos devido às semelhanças apresentadas nas tabelas e comentários anteriores. Entretanto, com o término dessa pesquisa, nossa percepção inicial foi alterada. Poderíamos corroborar a hipótese dos dois estudiosos, ao dizer que, pelo fato de os apocalipses e visões descreverem o Inferno possuindo lagos sombrios, rios com correntezas, contendo serpentes e dragões, seria o bastante para dizer que eles estavam certos? Se considerarmos apenas tais elementos, nossa resposta é não.

Como apresentado, a presença dessas características era bastante comum e sua mera semelhança não poderia ser tomada como fator concreto para dizer que Náströnd copiou tais ideias, até porque relatos mitológicos sobre o submundo de outros povos possuem alguns desses elementos. Tentar traçar um denominador comum de quando teria surgido esse imaginário é atividade impossível. Porém, não nos interessa a busca dessa origem, mas mostrar que apenas tais semelhanças não são argumentos suficientes para emitir uma conclusão que corrobore a hipótese de Bugge e Dieterich. Com isso, passemos para o outro elemento de avaliação: os crimes punidos.

Sophus Bugge já havia sugerido que os crimes de homicídio, perjúrio e assédio de mulheres casadas seriam um referencial cristão, pois, nos outros mundos dos mortos da mitologia nórdica, não há referências a punições. Dieterich sugeriu que esses crimes fariam referência à descrição contida nos apocalipses de João e de Pedro. Por sua vez, John McKinnell comentou a respeito dessas semelhanças, como salientado anteriormente. Após a realização dessa pesquisa, conseguimos identificar evidências que sustentam as hipóteses desses três autores. Na tabela 2 destacamos nossa listagem de crimes e punições, e percebemos que o assassinato, o perjúrio, a mentira, a traição, o adultério, a fornicação e o assédio de mulheres aparecem nas fontes analisadas. Destacamos também o comentário de Minois sobre os monges Cesário de Arles e Julien de Vézelay, os quais listaram esses três pecados como estando em sua lista de atos mais graves contra a fé cristã.

Embora os apocalipses apócrifos e as visões listem uma quantidade maior de pecados, ainda assim, entre as fontes analisadas e consultadas, todas elas trazem em

comum o homicídio, o perjúrio/mentira e o adultério/fornicação. Isso nos fez pensar que possa ter-se tratado de algum imaginário moral difundido pelo cristianismo medieval, sendo mantido ao longo de séculos, já que os apocalipses foram redigidos nos séculos I ao III (as visões e *Eddas*, produzidas nos séculos XII e XIII, conservaram tais elementos em comum). Entretanto, comentamos também que Samplonius e Kure destacaram que em outras narrativas mitológicas nórdicas encontramos relatos desses mesmos crimes, o que sugere que essa percepção negativa não era exclusiva do cristianismo. E é algo que não deveria suscitar tantas dúvidas, pois, em diferentes sociedades e culturas do mundo, matar pessoas (sobretudo inocentes e incapazes de se defender), ser mentiroso e desleal, trair juramentos, aliados, amigos, familiares, cônjuges, etc., é algo malvisto, moralmente reprovável e considerado até como crime.

Por esse viés, Samplonius e Kure assinalam que dizer que os crimes punidos em Náströnd seriam inteiramente frutos de uma mentalidade cristã não seria algo preciso, pois em outras culturas essas mesmas práticas são moralmente e socialmente reprovadas. Além disso, comparar Náströnd apenas com o relato contido no *Apocalipse de João* também não se revela algo exato, pois, como visto na tabela 1, os apocalipses apócrifos e visões apresentam mais semelhanças com características presentes no mito nórdico do que o apocalipse canônico. Por isso, Albrecht Dieterich recomendou consultar os apocalipses apócrifos, já que ele havia notado o que nós aqui apresentamos e estudamos. Foi a partir dessa linha de raciocínio que encontramos elementos ainda mais substancialmente similares àqueles vistos em Náströnd.

Ainda resta esclarecer por qual motivo esse mito teria sido associado com o pensamento religioso cristão do período. Vimos que os apocalipses apócrifos e as visões possuíam um papel de instrução, de fornecer *exemplum*, como comentado por Jacques Le Goff, a ponto de serem referenciados pelos clérigos nas suas pregações e sermões. Tal funcionalidade nos fez entender a importância desses relatos para uma sociedade profundamente marcada por uma religião que exige obediência aos dogmas e à crença na expectativa de ser salvo ou condenado pela eternidade. Porém, quando passamos para tentar perceber isso nos relatos sobre Náströnd, nos deparamos com um obstáculo: se Náströnd foi influenciado por referenciais cristãos sobre o imaginário do Inferno, qual teria sido o sentido disso?

Quando as *Eddas* foram redigidas na Islândia, sua população já estava cristianizada há duzentos anos. Logo, escritores cristãos compilaram antigas narrativas, criando manuscritos com tais textos. Snorri Sturluson teria escrito seu livro para ensinar os poetas de seu tempo como fazer uso dos mitos de seus antepassados para compor poesia. Por isso, o caráter prosaico, didático, sistematizador e cristianizado de sua obra. Como se tratava de um público cristão, que em muitos casos não tinham mais familiaridade com os mitos antigos, Snorri construiu uma narrativa de forma que isso pudesse ser passado para essa nova audiência, utilizando determinados

referenciais do presente para interpretar o passado, algo visível na organização que ele fez em seu livro¹⁴.

Porém, essa linha de interpretação proposta para a *Edda em Prosa* não é compatível com a *Edda Poética*, pois a maior parte dos poemas preservou uma grande quantidade de elementos não-cristãos, embora alguns apresentem influência de crenças cristãs. Enquanto a *Edda em Prosa* apresenta uma intenção mais clara para sua concepção, a *Edda Poética* não possui um intuito semelhante. Supõe-se que tais mitos foram conservados para fins de entretenimento de determinado público-alvo, principalmente as elites letradas, ou que faziam uso de poetas (escaldos), pois a poesia no medievo era, sobretudo, lida em voz alta, além de que nas cortes havia declamações e contações de histórias, incluindo performances para se apresentar tais narrativas (Gunnell, 2013: 66).

Hermann esclarece que os escandinavos do século XIII, embora fossem cristãos, não abominavam os mitos de seus ancestrais. Eles poderiam não crer mais naqueles deuses, mas as narrativas continham seus valores morais, inspirativos e de entretenimento, que agradavam àquelas pessoas (Hermann, 2020). Gunnell comenta que as narrativas contidas nas *Eddas* eram transmitidas oralmente no período pré-cristão e provavelmente essa tradição manteve-se nos séculos seguintes (Gunnell, 2013: 67-68).

As observações de Hermann e Gunnell são significativas para tentar compreender como seria a recepção dos escandinavos do século XIII com as narrativas contidas nas *Eddas*. Mas isso não explica por qual motivo Náströnd no *Gylfaginning* está inserido numa conjectura cristã e no *Völuspá* isso não ocorre. A conclusão a que chegamos é que houve uma escolha do autor ou autores para isso.

No *Völuspá*, Náströnd faz parte de estrofes que aparentam estar desconexas do restante da narrativa, como se tivessem sido inseridas por algum motivo, hoje desconhecido (Dronke 1997: 17). Ainda assim, essa inserção não está associada com o Ragnarök nem com ideias cristãs. Já no *Gylfaginning*, Náströnd conecta-se com o Ragnarök, por ser um dos salões do pós-cataclismo e por apresentar um papel de “inferno”. Mas, como Hermann apontou que essas variações do mesmo mito em forma poética e prosaica existem, isso se aplica nesse caso. Se considerarmos que os mitos não devem ser encarados como homogêneos ou imutáveis, então nossa consideração de que Náströnd realmente possui duas versões, como apresentado nas *Eddas*, está correta.

¹⁴ Ao longo do *Gylfaginning*, Snorri elaborou uma linha de desenvolvimento narrativo, usando o diálogo de Gylfi e os três reis para apresentar diferentes mitos que não necessariamente tinham conexão um com o outro, e dessa forma explicar a origem do mundo, dos deuses, gigantes, da humanidade, os salões, os principais deuses, algumas aventuras e o Ragnarök. O que significa que a obra foi deliberadamente organizada para esse sentido, não sendo uma coletânea de mitos avulsos.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

Diante dessas conclusões, asseveramos que as hipóteses de Sophus Bugge e Albrecht Dieterich possuem fundamento, podendo-se encontrar elementos que nos permitiram identificar algumas influências cristãs como eles propuseram, mas fazendo a ressalva de que as semelhanças se encontram principalmente nos crimes ali sentenciados e na forma como Náströnd foi organizado e referenciado no *Gylfaginning* como sendo o “inferno”. No *Völuspá* existe outra percepção, não associando esse local com o imaginário infernal. Não obstante, também ressaltamos que, para a descrição de Náströnd como uma costa sombria e um salão feito de ossos de serpentes, não foi encontrado paralelo nas outras fontes analisadas. Nesse ponto, concordamos com Kure e Samplonius em dizer que Náströnd seja o resultado de um mito pagão que sofreu ressignificação cristã, algo visto de forma mais específica na versão apresentada na *Edda em Prosa*.

Referências

Fontes

Bestiario moralizzato: o Bestiario moralizzato di Gubbio. (1996). In: Morini, Luigina (ed.). *Bestiario Medievali* (pp. 489-547). Torino: Einaudi.

Bíblia de Jerusalém. (2017). Nova edição, revista e ampliada. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus.

Bugge, S. (1881). *Studier over de nordiske gude- og heltesagns oprindelse*, v. 1. Christiania: A. Cammermeyer. 2v

Dieterich, A. (1893). *Nekyia: Beiträge zur Erklärung der neuentdeckten Petrusapokalypse*. Leipzig: B. G. Teubner.

Edda Mayor. (2012). Traducción de Luís Lerate. 4ª reimpressão. Madrid: Alianza Editorial.

Isidore of Seville. (2006). *The Etymologies*. Translated, introduction and notes by Stephen A. Barney [et. al]. Cambridge: Cambridge University Press.

King James Holy Bible. (2007). Australia: Pure Cambridge Edition.

Saga dos Volsungos. (2009). Tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra.

Sturluson, S. (2012a). *Edda Menor*. Traducción de Luís Lerate. 4ª reimpressão. Madrid: Alianza Editorial.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

Sturluson, S. (2012b). *The Uppsala Edda*. Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London.

The Apocalypse of Peter. (1993). In: Elliott, J. K (ed.). *The Apocryphal New Testament: A collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation based in M. R. James* (pp. 593-612). Oxford: Clarendon Press.

The Poetic Edda, vol. II. (1997). Edited with translated by Ursula Dronke. Oxford: Clarendon Press.

The Vision of Alberico. Translated by Robert Piselli. Disponível em: <http://www.settefrati.net/visengl.htm>. Acessado em 14 de março de 2020.

The Vision of Tundale. (1989). Translated and retold in Modern English prose by Richard Scott-Robinson. In: Gardiner, Eillen (ed.). *Visions of Heaven & Hell before Dante* (pp. 106-134). New York: Italic Press.

Visio Sancti Pauli // Brendnýt Pawl: A bilingual edition of Redaction IV. (2016). Translation and notes by Menna. H. Rempt. Bachelor Thesis. Faculty of Humanities, Utrecht University.

Obras consultadas

Braudel, F. (1978). *Escritos sobre a História*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Easting, R. (1997). *Visions of the Other World in Middle English*, v. III. Cambridge: D. S. Brewer. (Annotated Bibliographies Old and Middle English Literature, 4v).

Faulkes, A. (1997). *Poetical inspiration in Old Norse and Old English Poetry*. London: Viking Society for Northern Research.

Franco Jr, H. (2010). *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da USP.

Gardiner, E. (1999). *Visions of Heaven & Hell before Dante*. New York: Italic Press.

Graham-Campbell, J (org.). (2006). *Os Vikings*. Tradução Carlos Nougué. Barcelona: Ediciones Folio S.A.

Gunnell, T. (2013). Völuspá in Performance. In: Gunnell, Terry; Lassen, Annette (eds.). *The Nordic Apocalypse: Approaches to “Völuspá” and Nordic Days of Judgement*. (pp. 63-78). Belgium: Brepols.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

Heide, E. (2014). Contradictory cosmology in Old Norse myth and religion – but still a system? *Maal og Minne*, 1, 102-143.

Hermann, P. Methodological Challenges to the Study of Old Norse Myths: The Orality and Literacy Debate Reframed. Disponível em: <https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/6843.ernille-hermann-methodological-challenges-to-the-study-of-old-norse-myths-the-orality-and-literacy-debate-reframed>. Acesso em 21 de agosto de 2020.

Hostetler, K. L. (2007). Serpent iconography. *Etruscan Studies: Journal of the Etruscan Foudandtion*, v. 10, 203-209.

Kure, H. (2013). Wading Heavy Currents: Snorri's use of *Völuspá* 39. In: Gunnell, Terry; Lassen, Annette (eds.). *The Nordic Apocalypse: Approaches to "Völuspá" and Nordic Days of Judgement* (pp. 79-92). Belgium: Brepols.

Langer, J. (2015). Edda em Prosa. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos* (pp. 143-145). São Paulo: Hedra.

Le Goff, Jacques. (1994). *O imaginário medieval*. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa.

Le Goff, J. (1995). *O nascimento do Purgatório*. Tradução de Maria Fernandes Gonçalves de Azevedo. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa.

Lindow, J. (2001). *Norse Mythology: A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. New York: Oxford University Press.

Lurker, M. (2005). Snakes. In: Jones, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion*, vol. 12 (pp. 8456-8460). 2. ed. Farmington: Thomson Gale. 14v

McKinnell, J. (2008). *Völuspá* and the Feast of Easter. *Alvíssmál*, 12, 3-28.

Minois, G. (2005). *Historia de los infiernos*. Barcelona: Paidós.

Miranda, P. G. de. (2018). Grágás. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* (pp. 319-323). São Paulo: Hedra.

O'donoghue, H. (2004). *Old Norse-Icelandic Literature: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing.

Oliveira, L. V. (2017). O inferno nórdico? Um estudo interpretativo sobre Náströnd. *Plura, Revista de Estudos de Religião*, v. 8, n. 1, 183-211.

Oliveira, Leandro Vilar e Oliveira, Angela Albuquerque de.
 Náströnd e o imaginário medieval do Inferno: um estudo comparativo entre as Eddas,
 a literatura apocalíptica e as visões dos mundos dos mortos
www.revistarodadafortuna.com

Page, R. (2006). Saber e Religião na Escandinávia. In: Graham-Campbell, James (org.). *Os Vikings* (pp. 100-120). Tradução Carlos Nougué. Barcelona: Ediciones Folio S.A.

Piñero, A. (2007). *Los Apocalipsis*: 45 textos apocalípticos apócrifos judíos, cristianos y gnósticos. Madrid: EDAF.

Ramos, J. A. (2002). A literatura apocalíptica e a ideia de ordem e de fim. *Millenarium – Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, I, 45-46.

Samplonius, K. (2013). The Background and Scope of Völuspá. In: Gunnell, Terry; Lassen, Annette (eds.). *The Nordic Apocalypse: Approaches to “Völuspá” and Nordic Days of Judgement* (pp. 113-145). Belgium: Brepols.

Schjodt, J. P. (2017a). Pre-Christian Religions of the North and the Need for comparative reflections on why, how and with what we compare. In: Hermann, Pernille (Ed.). *Old Norse Mythology: comparative perspectives*. Harvard: Harvard University Press.

Schjodt, J. P. (2017b). The reintroduction of comparative studies as a tool for reconstructing Old Norse Religion. In: Brink, Stefan; Collinson, L. (Eds.). *Theorizing Old Norse Myth* (pp. 51-65). London: Brepols.

Simek, R. (1993). *Dictionary of Northern Mythology*. Translated by Angela Hall. Woodbridge: D.S. Brewer.

Soares, D. O. (2008). A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte*: Belo Horizonte, 7, 13, 99-113.

Stegemann, E. W.; Stegemann, W. (2004). *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*, São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus.

Ström, F. (1973). *Nid, Ergi and Old Norse moral attitudes*. London: Viking Society for Northern Research.

Zierer, A. (2002). Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). *Mirabilia*, 2, 150-184.

Recebido: 26 de novembro de 2020

Aprovado: 03 de abril de 2021